

## PREFÁCIO AO LIVRO “REPENSANDO OS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: UMA NOVA TEORIA DO DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO”

Maurício Serva

O convite para prefaciar este novo livro de Ana Paula Paes de Paula me causou um misto de alegria, prazer e curiosidade. Em primeiro lugar, sem dúvida, a alegria por constatar que uma colega conseguiu elaborar um livro, pois ao recordar as atuais condições em que os professores-pesquisadores vivem e trabalham no Brasil sou invadido por um profundo sentimento de alegria quando me deparo com um livro finalizado; percebo-o como uma vitória num momento em que os livros foram lamentável e inexplicavelmente desconsiderados na avaliação da criação científica em nosso país. Quanto ao prazer, confesso que ele provém da honra proporcionada pela autora ao me escolher para empreender tão significativa tarefa. Já a curiosidade origina-se a partir de uma breve antecipação sobre o conteúdo do livro, mais exatamente no IV Colóquio de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração, oportunidade em que a autora havia apresentado um *paper* abordando os temas agora mais explicitados. Desde essa apresentação criei uma grande expectativa pelo livro que estava por vir.

A expectativa não era pequena, tanto pelas reflexões e discussões desenvolvidas ao longo de quatorze anos lecionando epistemologia da administração em cursos de pós-graduação, como também por conhecer a trajetória intelectual de Ana Paula, marcada pela seriedade e dedicação que perfazem uma obra marcada pelo refinamento científico e qualidade de suas realizações.

A atenção voltada para a reflexão e o debate epistemológicos observados nas últimas décadas no âmbito da ciência da administração nos deixa esperançosos para o futuro desta disciplina que nos é tão cara. Após quase oitenta anos de produção teórica, enfim alguns atores do campo científico no qual atuamos assumem, gradativamente, porém corajosamente a tarefa de rever criticamente os fundamentos de nossa disciplina. A esperança decorre da nossa plena concordância com a forte afirmação divulgada em 1981 por Alberto Guerreiro Ramos em sua obra capital “A Nova Ciência das Organizações”; ao constatar que até então a administração não havia desenvolvido a capacidade analítica necessária à crítica de seus alicerces teóricos, o autor afirma que ela estaria, portanto, condenada a permanecer na “periferia da ciência social”. A emergência e o avanço da discussão epistemológica concorrem decisivamente para a reversão de tal condenação.

Ao voltarmos a nossa atenção para análise epistemológica em nossa área, constatamos que de forma geral ela tem tomado caminhos diferenciados na literatura de língua francesa e na de língua inglesa. A literatura divulgada pelos francófonos, produzida notadamente na França e no Quebec, elabora uma discussão com uma amplitude que revela claramente o interesse pelo estabelecimento de uma configuração disciplinar de uma “epistemologia das ciências da gestão”, com seus autores não hesitando em empregar esta denominação. Já a literatura elaborada por autores anglófonos parte do debate sobre a questão paradigmática para discutir os alicerces

filosóficos e teóricos em nosso campo. As passagens de acesso são diferentes, mas as trilhas convergem para sítios semelhantes, nos quais viceja, ainda que tardia, a tão esperada e necessária discussão epistemológica.

Tomando como ponto de partida o debate sobre os paradigmas, Ana Paula reporta o desconforto de pesquisadores e, principalmente de pesquisadores em formação — mestrandos e doutorandos —, com a noção de paradigma aplicada às teorias organizacionais, e em seguida elabora uma proposta alternativa para a apreensão da diversidade que caracteriza a produção científica nessa área. A argumentação em prol da criação de alternativas vai desde a constatação de que a proposta de Thomas Kuhn se dirigia exclusivamente às ciências naturais, não cabendo assim sua transposição para as ciências sociais, passa pelo questionamento da explicação das mudanças via processos denominados “revoluções científicas”, e se estende até a relativização da noção de “incomensurabilidade” entre paradigmas no caso das ciências sociais, em particular no estudo do fenômeno organizacional. Tal ponto de partida descortina o horizonte criativo culminando na defesa da substituição da incomensurabilidade pela “tese da incompletude cognitiva”, bem como na substituição das revoluções científicas pela “tese das reconstruções epistêmicas”.

A incompletude cognitiva, própria à limitação imposta à criação científica pelo isolamento do pesquisador numa única opção epistêmica, forçaria o produtor de ciência organizacional a abandonar o isolamento ensejado pela pretensa obediência aos cânones de um dado paradigma. Tal tese revela, sobretudo, a humildade que proporciona o crescimento do produtor de ciência, quando ele reconhece os limites das teorias adotadas, das suas próprias escolhas, bem como quando aceita a incapacidade que lhe é intrínseca ao tentar apreender e teorizar sobre a complexidade dos fenômenos sociais. A autora afirma que a tentativa de superação da incompletude cognitiva exige dos pesquisadores um “trabalho de escavação” em busca de elementos perdidos ou desconsiderados nos processos anteriores de construção de sistemas de conhecimento empreendidos por outros cientistas. A resultante mais exitosa dessa “escavação” seria manifestada pela criação e também pelo aprimoramento de teorias e metodologias, evidenciando o caráter dinâmico da produção do conhecimento sociológico.

Neste ponto, gostaria de me concentrar um pouco mais no “trabalho de escavação” por considerá-lo como a mensagem principal que o livro veicula. A analogia me parece muito adequada para representar o esforço de aprofundamento, de busca nas profundezas da criação científica e na história das ideias das raízes do conhecimento acumulado no campo em que o pesquisador ousa dar a sua contribuição. Se eu pudesse sintetizar a essência do meu próprio esforço ao longo dos anos de trabalho dedicados ao ensino da epistemologia junto aos pesquisadores em processo de formação, sem a menor dúvida indicaria o incentivo à conscientização e à prática sistemática do “trabalho de escavação”. Esta espécie de trabalho expressa em sua plenitude a responsabilidade do cientista para consigo próprio e, por extensão, para com a sociedade. Expressa também o zelo e o amor pelos quais ele realiza seu trabalho. A reflexão profunda sobre o conhecimento que abordamos parte da crucial questão e nos faz a ela sempre retornar, nos enredando num círculo sem fim: que ciência estamos produzindo? Círculo frutuoso, prodigioso, como também sofrido, pois veículo do autoquestionamento e da consequente autocrítica. Veículo de crescimento do pesquisador que se assume necessariamente pequeno. Feliz analogia nos é ofertada pela autora. Quanto mais profunda for a “escavação”,

maior será a possibilidade de encontro e de melhor compreensão das bases sedimentares dos conhecimentos que tentamos lidar; eis aqui talvez a analogia mais adequada para o esforço que implica a preocupação epistemológica enquanto parte indissociável do trabalho do cientista responsável. Ademais, a escavação revela-se fecunda, ao inaugurar horizontes para a criação.

É justamente o tratamento do processo de criação que perfaz a segunda tese defendida no livro: a reconstrução epistêmica. A “escavação” permite também ao cientista a experiência da liberdade na busca por contemplar outros interesses cognitivos, possibilitando não somente a identificação dos elementos anteriormente perdidos, mas, sobretudo, a recombinação com os elementos conhecidos do pesquisador, segundo a autora “gerando teorias e metodologias que realizam novas explicações dos fenômenos e trazem novas soluções para os problemas sociais”. Sabemos que a liberdade é a mola mestra da criação, neste sentido, Ana Paula nos propõe olhar de frente para o processo criativo em nossa profissão: a liberdade de trafegar responsabilmente entre *épistémés* diversas é a condição *sine qua non* para engendrar o novo. É sempre bom lembrar — e isso a autora não esquece de destacar — que subjacente ao novo está a possibilidade de oferecer soluções originais aos problemas sociais. Para ilustrar a paisagem onde se dá a reconstrução epistêmica, Ana Paula elabora o “círculo das matrizes epistêmicas”, composto pela matriz empírico-analítica, a matriz hermenêutica e a matriz crítica. A cada matriz corresponde determinadas escolhas filosóficas, com suas respectivas lógicas e interesses (na acepção habermasiana) que orientam a elaboração de sistemas de conhecimento, perfazendo abordagens sociológicas, teorias e metodologias. Na tentativa de ressaltar a dinâmica da criação teórica nas ciências sociais e, por conseguinte, das teorias sobre o fenômeno organizacional, a autora introduz uma nova analogia: a figura do círculo, por oposição à figura do quadrado proposta por Burrell e Morgan. A reconstrução epistêmica admite infinitas possibilidades de inovação teórica, pela recombinação de elementos em princípio percebidos como pertencentes à diferentes matrizes epistêmicas, como também pela circulação do pesquisador nas fronteiras e limites dessas matrizes.

Com a consideração dos interesses inerentes à construção do conhecimento, inspirados na obra de Habermas, Ana Paula não se esquiva do grande desafio posto a todos os pesquisadores da administração: dar conta das exigências próprias de uma ciência social que se quer aplicada. Mapeando tais interesses como técnicos, prático-comunicativos e emancipatórios, a autora demonstra a versatilidade que a sua proposta enseja, ilustrando como o tráfego pelo círculo da matriz epistêmica pode ajudar ao cientista elaborar teorias e não se distanciar das questões de ordem prática. Na parte final do livro, a ilustração é complementada pela apresentação das grandes linhas teóricas e de uma discussão sobre como realizar pesquisas embasadas numa proposta elaborada pela autora: a “abordagem freudo-frankfurtiana para os estudos organizacionais”. Ao fazê-lo, ousa tocar no provável calcanhar de Aquiles de grande parte dos pesquisadores que participam de abordagens críticas: o desprezo da dimensão prática, da ação propriamente dita no âmbito das organizações. Aqui reside mais uma razão que nos faz prever que o livro poderá suscitar intensos debates. Mas a autora não nos parece nem um pouco receosa, pois a obra que aqui expressamos o prazer de prefaciá-la compreende um *mix* de humildade, responsabilidade e ousadia.

A humildade é percebida desde a sua motivação para escrever o livro e confessada na primeira frase do preâmbulo: a inquietação gerada na sua própria atividade de pesquisadora e

professora, compartilhada pelos alunos. Neste sentido, saudamos com ênfase a um conhecimento que é produzido a partir da prática e a ela pode então retornar com facilidade, ensejando um círculo tão virtuoso como o que pode ser o das “matrizes epistêmicas”. Esta humildade é reafirmada na defesa da tese da incompletude epistemológica. A responsabilidade permeia todo o texto, revelando claramente a seriedade e a honestidade profissionais que guiam seu fazer ciência, notadamente no livro em questão. Vê-se claramente que o livro é fruto das próprias “escavações” empreendidas por Ana Paula. Por fim, a ousadia em propor abertamente o novo — segundo a autora, as teses da incompletude cognitiva e das reconstruções epistêmicas sustentam uma nova teoria do desenvolvimento do conhecimento — num tema tradicionalmente marcado pela produção de pesquisadores estrangeiros inseridos em instituições que gozam de grande reputação e bem mais equipadas que as universidades brasileiras.

A autora se despede do leitor com o seguinte convite: “convido você, leitor ou leitora, a viver também esta experiência”. Faço eco, sem reservas, a este convite, pois já estou vivendo a promissora experiência.

Florianópolis, julho de 2014.

Maurício Serva